

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

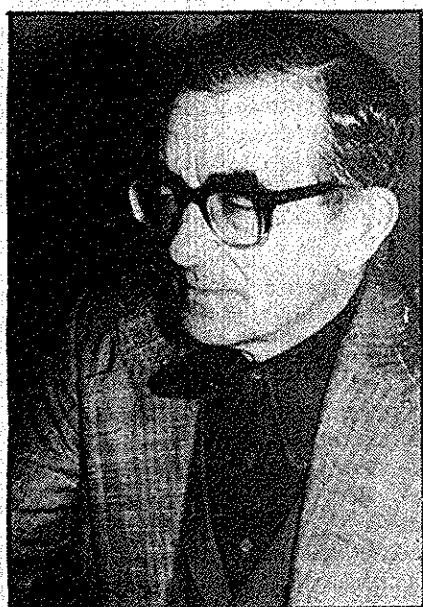
Fonte O Estado (S. Catarina)

Class.: 384

Data 30 de agosto de 1980

Pg.:

Presidente do Cimi volta a condenar tratamento "desumano" aos indígenas



D. José: "Branco é brutal"

Chapécó — "A consciência do branco está embrutecida". A expressão pertence ao presidente nacional do Conselho Indigenista Missionário (órgão ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), Dom José Gomes, ao protestar contra as interpretações bitoladas que a imprensa do país fez acerca do massacre de trabalhadores, no Parque do Xingu, por índios Tchucarramaé.

O prelado insiste que os conflitos entre índios e brancos só podem ser analisados dentro de um contexto histórico e social, e reafirma a condição histórica de vítima, que o índio invariavelmente tem assu-

mido nos últimos anos.

— Desde a chegada dos portugueses foram literalmente liquidados cinco milhões de índios. É o desrespeito, a selvageria, a brutalidade do branco que não tem respeito pelos direitos dos outros, mais fracos.

O presidente do Cimi enfatiza que "isso não é história do passado. É de hoje". Ele lamenta que nos últimos setenta anos, com a marcha para o Oeste ou para a Amazônia, foram liquidados 800 mil índios. "A maldade usada pelo branco chega às raízes da brutalidade desumana, como o uso de veneno e de bacilos de gripe, sarampo, varicelas e outros. E isso tudo para roubar um pedaço de terra num país onde certamente 50% das terras ainda não foram ocupadas ou cultivadas. O índio é a grande vítima por ser considerado "um selvagem", "um preguiçoso", alguém que "não produz para o sistema" — observou o Bispo.

A consciência do branco está embrutecida — diz o Bispo Diocesano de Chapécó — porque nada acontece quando os brancos matam índios ou próprio governo abre estradas com forças militares protegendo as máquinas e matando índios a rajadas de metralhadoras, e acrescenta: "quando os índios defendem um direito sagrado de posse legítima de terras, e com isto defendem a vida e entram em conflito com o branco invasor, então o fato se transforma em manchetes espalhafatosas de âmbito nacional. São as contradições dos que se julgam donos de tudo: da verdade, da justiça e da vida dos outros".

Depois de aduzir que "o crime do

branco é direito, é justiça e a justiça e o direito do índio são crimes", Dom José foi taxativo ao afirmar que a culpa pelos choques e pelas mortes cabe exclusivamente ao branco, ao seu governo e à Funai. Mencionando o caso dos Tchucarramaé do Parque Xingu, o presidente do Cimi exemplifica os casos de violência que têm, como agentes causadores, os órgãos governamentais.

— No caso do massacre do Xingu, devemos lembrar que o parque indígena foi cortado pela BR-80, com mil promessas de que suas terras seriam respeitadas. Mas, na verdade, um lado da estrada foi vendido aos fazendeiros. Os índios, desiludidos, fizeram justiça pelas próprias mãos. Os brancos fazem sempre isso e ninguém se espanta ou reclama. Vejam os atentados terroristas acontecidos agora no Rio de Janeiro, envolvendo feridos e mortos. E à isso chamamos ironicamente de civilização.

Indagado sobre a ação do Conselho Indigenista Missionário doravante, Dom José Gomes coloca que o Cimi não tem forças nem poder para fazer valer a justiça: "é questão de humanidade e consciência de toda a população brasileira. Deve haver um repúdio formal a este modo de ser de nossa civilização desumana e brutal. A nação brasileira cabe exigir que o Governo faça justiça ao índio e defenda-o contra a barbárie do branco".

O presidente do Cimi vaticinou que os 200 mil índios sobreviventes — "doentes e maltrapilhos" — serão dizimados se a nação brasileira não decidir por sua preservação.